



MR 006. Artes, religião e memória: explorando transversalidades

Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo) - Coordenador/a, Emerson Giumbelli (UFRGS) - Participante, Christina Vital da Cunha (Universidade Federal Fluminense) - Participante, Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo) - Participante, Paola Lins de Oliveira (PPCIS/UERJ) - Debatedor/a

O objetivo desta mesa redonda é propor articulações entre os temas da memória, da religião e das artes recorrendo a situações etnográficas e casos precisos. Tais situações serão exploradas para mostrar como, a partir de cada um dos temas em exame, chega-se, por meio de mediações que é preciso analisar e compreender, aos demais. As articulações projetadas exploram dois vetores, que dialogam com discussões relevantes na antropologia contemporânea. De um lado, representações, discursos e projetos que, em meio a controvérsias, contêm ou incidem em dimensões políticas, como mostram, por exemplo, os museus e as intervenções urbanas voltados para uma reflexão sobre direitos. De outro lado, objetos, materiais e volumes, dos mais ínfimos e voláteis até os mais monumentais e permanentes, que interpelam uma reflexão sobre os espaços e suas relações com agentes humanos e não humanos. Portanto, o debate proposto dirige-se aos domínios das artes, da religião e da memória não a partir de antropologias específicas ou especializadas, mas apostando em transversalidades que ativam discussões mais amplas.

Em busca do tempo: os objetos-oratórios de Farnese de Andrade

Autoria: Fernanda Arêas Peixoto

Falando dos objetos criados a partir da década de 1960, Farnese de Andrade afirma: "A estas [oratórios e caixas antigas] chamei de Em busca do tempo? não o tempo perdido de Proust, mas o que não existe, que as fotos tentam colher e imobilizar?". Com tal assertiva, o artista declara a motivação, perturbadora, de seu work: a sistemática recolha de materiais e objetos usados e descartados, longe de visarem recuperar o passado, trazendo-o para o presente, buscam imobilizá-lo. Nesse sentido suas composições, que se valem de partes do corpo de bonecas, santos de gesso, ex-votos, utensílios cotidianos, oratórios, pedaços de móveis etc., e que evocam o imaginário social e religioso mineiro, menos do que se referir à história das Minas Gerais e à sua própria história pessoal, querem manter o passado como presença imóvel... uma arte que se vale da memória, deliberadamente, contra ela?

Imagens amorificadas? na cidade: uma análise de grafites cariocas

Autoria: Christina Vital da Cunha

Pretendo explorar modalidades de presença do amor no espaço público a partir da análise de trajetórias e produções de grafiteiros cariocas. Suas intervenções em diferentes suportes anunciam memórias pessoais e de um coletivo imaginado, demandas políticas e valores identificados como religiosos ou espiritualistas. Busco compreender como os artistas estudados se apropriam de uma linguagem "amorificada" produzindo e atualizando narrativas motivacionais e de confronto ao poder, à ordem, ao espírito blasé na cidade. Os sentidos atribuídos pelos grafiteiros às suas obras, à "religião", política, arte, amor são aspectos centrais na análise. O status desta pesquisa: work in progress como o são os grafites em seu contínuo movimento de produção e apagamento. As imagens descongeladas nos permitem, enfim, pensar diferentes dinâmicas operadas em trajetórias singulares e na vida pública em cada tempo.

O que fazem monumentos religiosos?

**Autoria:** Emerson Giumbelli

Proponho uma reflexão sobre a ideia de monumentos religiosos. A categoria monumentos visa cobrir tanto objetos com essa designação, quanto um modo de existência material que a palavra monumentalidade serve para definir. Nesses sentidos, a categoria monumentos será problematizada nas três dimensões propostas pela mesa. Primeiro, como marcos espaciais que mantêm alguma relação com a temporalidade. Segundo, como objetos cuja estética é uma faceta inerente de sua existência. Terceiro, em seu encontro com empreendimentos e referências religiosas, considerando eventuais transformações que revelam a própria maneira de definir ?religião?. Alguns monumentos e santuários católicos de construção recente constituem o universo empírico em que se apoiam minhas reflexões.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

